

Ex posi ções

Uma reinterpretação de uma fotografia de Koen Wessing culmina a exposição "Shadows", de Alfredo Jaar, no novo centro cultural lisboeta das Carpintarias de São Lázaro



O fantasma da obra

Alfredo Jaar apresenta em Lisboa um jogo de simulacros que é um exercício de dissecação das imagens

TEXTO CELSO MARTINS

Toda a obra do chileno Alfredo Jaar (1956) se ergue sobre uma desconfiança essencial em relação à evidência da imagem. O trabalho que apresenta nas recém-chegadas Carpintarias de São Lázaro não é exceção. "Shadows" é o segundo capítulo de uma trilogia na qual utiliza imagens de outros fotógrafos e surge no seguimento de "Sound of silence" em que recorria a uma fotografia do sul-africano Kevin Carter tirada no Sudão. Neste caso, Jaar repesca uma conhecida imagem tirada pelo fotógrafo holandês Koen Wessing nos últimos meses da ditadura de Anastasio Somoza, na Nicarágua, em 1978, antes da tomada de poder pelo exército revolucionário sandinista. Captada na cidade de Estelí, a imagem de Wessing mostra duas jovens raparigas pouco depois de serem informadas do assassinio do pai, um camponês morto pela Guarda Nacional de Somoza. Na fotografia os corpos das mulheres tomadas pela dor são

particularmente expressivos e os seus gestos de abandono assemelham-se a uma estranha dança. A exposição tem três momentos que correspondem a três estágios diferentes da dissecação da imagem. Primeiro, podemos ver um documentário sobre Wessing e a sua experiência de fotorrepórter na América Latina; depois, Jaar mostra algumas fotografias captadas também por Wessing na ocasião do assassinio (três anteriores e três posteriores à revelação da notícia à família) em caixas de luz. Finalmente, numa última sala, colocada na penumbra, vemos a silhueta recortada das duas irmãs da foto em caixa de luz embutida numa parede. A imagem acende-se para nós quando a luz se apaga e volta a esconder-se mal esta regressa ficando apenas dela um rastro de luz que é já uma memória da imagem instalada na nossa mente. O processo tem o engenho de nos colocar algumas questões de um modo sensorial: ainda estaremos na presença da mesma imagem? E o que

vemos ainda é uma fotografia? Ou ficamos apenas com um *flash* visual que torna contingente e literal o processo mnemónico com que retemos as imagens, mesmo as mais intensas e traumáticas? Pensar as imagens pode ser outra coisa que não um exercício académico ou analítico. Pode-se refletir sobre elas com outras imagens ou operando sobre as primeiras cirurgicamente. A intenção de Jaar não é, obviamente, replicar a fotografia de Wessing, cujo poder de convocação é ineludível, mas de algum modo viajar no interior das suas múltiplas camadas e de perceber onde reside esse poder de convocação (no assunto? No contexto? No próprio movimento dos corpos?). O recorte, a afirmação lumínica da silhueta, parece significar uma tentativa de nos deixar a sós com a estrutura essencial da imagem que fica a vibrar na nossa retina e também esse processo é um modo de exercer uma intervenção que descortina entre as imagens da política as possíveis políticas da imagem. ●



SHADOWS

Alfredo Jaar
Carpintarias de São Lázaro,
Lisboa, até 3 de setembro